ARQUITECTURA DAS GRANJAS MONÁSTICAS DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

Notas sobre a arquitectura e organização funcional da Granja do Vimeiro

Maria do Céu Simões Tereno
Universidade de Évora*

Introdução

A implantação, evolução e estado actual das estruturas de carácter agrícola, normalmente designadas por granjas, estabelecidas no âmbito monástico e que contribuíram para a formação e consolidação daquela região, merecem atenção como elementos significativos do nosso património cultural.

As granjas foram estabelecidas com duas finalidades principais: uma orientada essencialmente para a produção agrícola, e outra, que associava a esta a de constituir também um polo de fixação da população, dando origem a pequenos povoados.

A granja do Vimeiro, objecto deste estudo, situava-se próximo da povoação do Vimeiro. Segundo Frei Fortunato de S. Boaventura, esta granja existia em 1269, data em que " por ordem do Bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães se fez a delimitação dos coutos (e) a granja do Vimeiro foi incluída na freguesia de Alvorninha."[1]

J.V. Natividade[2] situa em meados do século XIII a existência de diversas granjas monásticas nos coutos de Alcobaça, entre as quais a granja do Vimeiro.

Outros autores, designadamente Iria Gonçalves[3], Pedro G. Barbosa[4] e Manuel V. Natividade[5] atestam também a antiguidade desta granja.

No âmbito produtivo esta deve ter sido uma granja importante, a qual com as granjas do Valado dos Frades (actual Quinta do Campo), de Turquel e de Maiorga, foi uma das grandes escolas agrícolas da Idade Média[6].

---

[1] Maria Zulmira A.F. Marques, *Por Terras dos Antigos Coutos de Alcobaça, Arte e Tradição*, Alcobaça, 1994, p. 107

[2] J. V. Natividade, " As Granjas do Mosteiro de Alcobaça", Separata do Boletim da Junta da Província da Estremadura, n º 5, Lisboa, 1944, p. 40

[3] Iria Gonçalves, *O Património do Mosteiro de Alcobaça, nos séculos XIV e XV,* Lisboa, 1989, p. 139

[4] Pedro Gomes Barbosa, *Povoamento e Estrutura Agrícola na Estremadura Central,* Lisboa, 1992, pp. 103-105 e 119, onde se refere, específicamente, à criação dos limites das paróquias, e naturalmente à paróquia de Alvorninha que englobava o Vimeiro, Ferraria, Granja Nova, Carvalhal, Mota, Salir do Mato, e Almofala. De interesse sobre este ponto são ainda as páginas 139-141.

[5] Manuel Vieira Natividade, *O Mosteiro de Alcobaça (Notas Históricas),* Coimbra, 1885, p.40

[6] José P. Saldanha Oliveira e Sousa, *Subsídios para a História da Agricultura em Portugal,* Lisboa, 1929, pp. 39-40

Esta circunstância está intimamente relacionada com o espírito de trabalho árduo de exploração da terra, instituído pelos monges brancos, e que consta dos seus *capitula* (que foram acrescentados à Summa Cartae Caritatis, e que correspondem aos XXVII-1º estatutos, anteriores a 1134)[7].

A mudança de atitude dos monges ao longo dos tempos, nos âmbitos espiritual e temporal, associada a necessidades de vária ordem, nomeadamente políticas, sociais e económicas, abriram novos caminhos às granjas, nem sempre os mais positivos e colocaram as suas continuadoras, em boa parte dos casos, numa situação deplorável.

É um facto conhecido e que não ocorreu apenas entre nós, como podemos ilustrar com o exemplo ocorrido e noticiado recentemente, com a granja cisterciense francesa de Monverrat, que remonta ao século XII. Desaparecida a referência da abadia cisterciense, as atribulações dos tempos fizeram-na cair em notória decadência e degradação, embora no início deste século ainda fosse possível identificar o conjunto constituinte da granja. Em Março de 1999, o proprietário considerando tratar-se de um monte de pedras, decidiu tornar mais útil esse espaço e agricultou-o[8].

Em termos muito genéricos pode aceitar-se que num sistema hierarquicamente estruturado, como era o dos monges cistercienses, com normas muito definidas para a construção das abadias, as granjas obedeceriam a uma tipologia construtiva aproximada, o que facilitaria a localização e identificação de elementos pertencentes a estas granjas.

Vamos admitir na ausência de elementos que contrariem esta ideia, que os edifícios encontrados na granja do Vimeiro, correspondem na generalidade, às funções primitivas, e têm localização próxima da inicial, apenas com uma arquitectura mais recente.

Na actualidade não são reconhecíveis vestígios das estruturas arquitectónicas da época medieval cisterciense, e isso, como nos diz J.V. Natividade[9], é compreensível tendo em conta a renovação de algumas estruturas que se encontravam decadentes, determinada pelo Marquês de Pombal, que fez desaparecer assim os vestígios medievais. Por esse motivo os edifícios existentes remontam ao século XVIII.

Este estudo, que visa os aspectos arquitectónicos da Granja do Vimeiro, é um contributo para um melhor conhecimento da estrutura agrícola cisterciense, património cultural que, devido ao seu estado ruinoso, inspira cuidados de salvaguarda urgente.

Elementos Identificadores da Granja do Vimeiro

A granja do Vimeiro situa-se no concelho de Alcobaça a sul da povoação denominada Vimeiro, tendo a sua entrada principal a cerca de 750 m desta povoação.

---

[7] Segundo o ponto V destes *capitula*, onde se refere que a alimentação/ sustento dos monges, “ deve provir do trabalho das suas próprias mãos, do cultivo das terras…” Cf. Aires A. Nascimento (ed.), *Cister - Os Documentos Primitivos*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p.82

[8] Notícia referida por Laurent Galoisy-Guibal, em página sobre Cister, na Internet

[9] J.V. Natividade, *ob. cit.* p.50

Não tivemos ainda acesso a documentos que permitam definir os limites da antiga granja, mas a actual Quinta do Vimeiro, que ocupa parte da antiga granja e tem uma área superior a 30 ha (Carta Militar na escala de 1/25000, figura 1), é limitada a norte pela estrada Vimeiro/Caldas da Rainha, e a nascente e sul pela estrada Vimeiro / Alcobaça.

A lenta decadência do recrutamento de irmãos conversos, destinados essencialmente aos trabalhos agrícolas, deve-se a condições sociais de maior estabilidade e de riqueza, que se reflectiram negativamente na gestão das granjas[10]. Assim, da exploração directa das granjas sob o controlo da abadia, passou-se ao sistema de arrendamento, de controlo mais moderado por parte da abadia, até à mudança da propriedade de parcelas da granja para rendeiros[11]. Estas mudanças tiveram, certamente, reflexo na estrutura das granjas com redução das suas capacidades, por dispersão da produção por várias unidades independentes[12].

As estruturas que hoje se observam na Quinta do Vimeiro (figura 2) sugerem que uma parte da primitiva granja se manteve sob um só proprietário, até à data da exclaustração das ordens religiosas em 1834, o que justifica as suas dimensões.

Observa-se na planta, que a área de implantação dos edifícios é significativa e que correspondeu em tempos, a uma actividade agrícola de apreciável dimensão. Esta actividade decresceu substancialmente e, hoje em dia, quase se pode dizer que, além dos pomares ainda em exploração, já só se desenvolve uma agricultura de subsistência para o pessoal que ainda trabalha na quinta.

O conjunto de edifícios, de apreciável dimensão, define-se num rectângulo de 85 m x 65 m e o edifício de maior dimensão tem planta em L cujos lados medem 40 m x 60 m e tem de largura 18 m.

A ala menor deste edifício está afecta a habitação. Pelas suas características arquitectónicas, trata-se de uma edificação (re) construída nos séculos XVII/XVIII; da fase medieval não se observam quaisquer elementos.

Os lagares de azeite e vinho estão de há muito desactivados e ainda conservam muitas peças do seu equipamento. Do lado esquerdo de quem entra no recinto situam-se no edifício principal da referida construção armazéns e cavalariças.

Sabemos que estão em curso na Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) estudos sobre o conjunto desta antiga granja, mas não foram ainda ultimados.

Arquitectura

---

[10] Ainda no início do século XIV, de acordo com Iria Gonçalves, *ob. cit.,* p.142, os frades conversos procediam ao trabalho da terra com as suas mãos, e administravam as explorações agrícolas. Refere ainda que a granja do Vimeiro se encontrava a cargo de Frei Pedro Pequeno.

[11] Iria Gonçalves, *ob. cit.,* p. 159

[12] Já que, sendo as granjas, parcelas da reserva senhorial, de dimensões bastante grandes, constituíam propriedades concentradas, e cada qual uma unidade de exploração, como refere Iria Gonçalves, *ob. cit.* p. 178.

Este conjunto apresenta uma parte considerável das características enunciadas por Iria Gonçalves, para a definição de uma quinta, que poderia ter também a designação de granja, e que aparentemente diferia na dimensão do terreno envolvente.

É constituída por uma grande casa de habitação de dois pisos, apresentando ainda celeiros, adegas, lagares, e cavalariças.[13]

Por uma questão de tentar tornar mais claro a descrição dos edifícios, a cada um deles atribuir-se-á uma letra, e cuja observação se pode fazer na figura 3.

Trata-se de um conjunto de vastas dimensões, como se pode observar na figura 4, pela planta referida anteriormente. Pode considerar-se inserido num rectângulo, de 85 m x 65 m que se integra na propriedade primitivamente cercada por um muro bastante alto, encimado por um gradeamento. Este era rematado por um portão, que actualmente se encontra retirado do lugar, deixando livre o acesso à quinta.

Encontra-se este conjunto orientado segundo o eixo nordeste - sudoeste.

Do lado direito de quem entra no recinto, situa-se um edifício **A** (figura 4) de dimensões grandes, de planta rectangular, de dois pisos, onde funcionaram actividades diferenciadas, deste a estabulação de animais ao armazenamento de alfaias agrícolas.

O rés-do-chão do edifício, atendendo às suas dimensões, funcionou como armazém de cereais ou de outro tipo, função que ainda conserva em parte deste.

Os materiais de construção utilizados não diferiam muito, consoante a natureza do edifício onde eram empregues "A avaliarmos por aqueles que a documentação arquivou, estaríamos, quer na cidade quer no campo e na esmagadora maioria dos casos, perante um edifício de pedra e cal, coberto de telha, mas onde a madeira e a pregaria teriam, como é óbvio, um papel importante"[14]. De facto, os edifícios em análise, são construídos em alvenaria de pedra, cujo telhado assenta numa estrutura de asnas de madeira apoiadas em vigas também de madeira, sendo as molduras das portas e janelas de pedra calcária, e as suas caixilharias, de madeira.

Assim, os vãos que vamos encontrar no piso térreo, alternam janelas rectangulares, definidas por blocos de calcário, com portões, também de molduras de calcário. Os lintéis são em arcos abatidos.

O primeiro piso não apresenta pavimentos, que entretanto ruíram, pelo que o interior do edifício está amplo.

Os vãos do primeiro piso são todos idênticos e rectangulares, horizontais, com excepção dos vãos situados no alçado orientado a Sudeste, em que os três vãos do primeiro piso são rectangulares, com o lado maior na vertical. No piso térreo, do lado esquerdo do edifício, situa-se um vão rectangular, horizontal, e abre-se uma porta, idêntica à que se situa à sua direita, e que foi parcialmente destruída, certamente para dar acesso às camionetas que entram no edifício.

O alçado paralelo àquele que se acabou de descrever, apresenta três vãos rectangulares, horizontais, distribuídos segundo um eixo de simetria, no primeiro piso, apresentando os mesmos vãos no piso térreo, com

---

[13] Idem, ob. *cit.* p. 179

[14] Idem, *ob. cit*. p. 113

excepção da porta que se situa centralmente neste alçado. O alçado Nordeste deste edifício, que sugere, quando nos aproximamos do conjunto, o aspecto de uma fortaleza (figura 2), apresenta vãos apenas no primeiro piso, de natureza idêntica aos do alçado que lhe é paralelo.

Todo este conjunto se encontra em avançado estado de degradação. A cobertura do edifício é feita com telhado de quatro águas, em telha tipo Marselha, assente numa estrutura de asnas, madres e varas. Curiosamente, é a parte melhor conservada do conjunto, e atesta uma intervenção recente, motivada por um grande incêndio, que deflagrou há já vários anos, afectando principalmente o edifício a que nos referimos e um outro que lhe é perpendicular.

A construção é feita em alvenaria de pedra rebocada e estucada, que em muitos locais já deixa observar a alvenaria de pedra.

Este edifício liga-se ao edifício principal de habitação, por uma construção **B** sem grande interesse arquitectónico, que funciona como um alpendre. O edifício **C**, que pode considerar-se como principal mantém a função de habitação. É também um edifício de dois pisos, com a parte térrea reservada para funções directamente relacionadas com as actividades agrícolas. O primeiro piso destinava-se a habitação, função que ainda mantém. De planta em L apresenta um corpo de dimensões maiores orientado na direcção noroeste - sudeste, e o braço menor do L, orientado a nordeste - sudoeste. O alçado nordeste, apresenta no piso térreo dois vãos geminados, em arcos abatidos, e uma escada de acesso ao piso superior, de construção bastante mais recente do que o resto do edifício, e que desfigura este alçado. No primeiro piso rasgam-se cinco vãos: duas janelas e uma porta com ombreiras de calcário, e duas janelas de menores dimensões, bastante mais recentes, coevas, da escada referida.

O alçado sudeste, apresenta no piso térreo, seis grandes vãos rectangulares, horizontais, e dois verticais e uma passagem coberta por abóbada de berço, que leva a dependências que serão descritas posteriormente, e ainda uma porta de acesso a este piso.

No piso superior, situa-se a habitação dos proprietários. O acesso a esta habitação faz-se por uma escadaria de dois lanços de degraus, de dimensão mais elegante, e que conduz a um alpendre. Numa das bases dos pilares que sustentam o telhado encontramos a data de 1852. A encimar um lintel dos vãos deste alpendre, encontramos a data de 1636.

Ainda neste piso se rasgam onze vãos, quatro dos quais são portas ou janelas, que abrem para quatro pequenas varandas de ferro forjado.

As aberturas rasgadas nesta fachada estão organizadas de uma forma assimétrica, já que os quatro vãos que têm varandas estão mais próximos do início do edifício, do que os restantes.

No telhado, e próximo do alpendre situa-se um pequeno arco com uma sineta.

Adjacente a este edifício encontra-se uma construção **D** orientada a nordeste, sem grande relevância arquitectónica.

Ainda não foi possível ter acesso à habitação, pelo que não pôde descrever-se, o seu interior. Assim, temos de nos circunscrever às dependências situadas no piso térreo.

Encontramos, através do acesso existente no alçado principal referido, um lagar de vinho, constituído por enormes tanques de pedra, de planta quadrangular, e onde ainda existem as cubas. A título de curiosidade podemos referir a existência em tempos recuados de uma "cuba" por certo grande e que o mosteiro emprestava aos colonos para aí guardarem os seus vinhos, era chamada Carantonha, como uma outra, nas adegas da própria abadia, também grande, tinha o nome de Dona" [15]. Pode ainda encontrar-se uma prensa.

A cobertura é sustentada por grandes arcos abatidos, onde repousam vigas de madeira encastradas nas paredes, dando origem a um espaço bastante amplo.

Ainda neste edifício, mas noutra dependência anexa, encontramos um lagar, e ainda um espaço destinado à guarda do azeite em depósitos. No piso térreo do alçado sudoeste, abrem-se dois pequenos vãos quadrados. No primeiro piso abre-se uma varanda coberta e quatro vãos, com varandas à face da parede. Adjacente a este alçado encontrava-se um muro, bastante alto, quase destruído, e que devia ser um dos limites da cerca da granja. O alçado Noroeste, não apresenta interesse arquitectónico especial, mostrando vãos rectangulares, verticais, disseminados, e sem aparente critério compositivo. No piso superior abrem-se um número significativo de vãos, alguns dos quais deram origem a uma varanda de sacada.

Do lado esquerdo de quem entra na quinta, situa-se um edifício **G**, de planta rectangular, com dois pisos, e de grande dimensão, e certamente de construção mais recente, talvez de finais do século XVIII ou de inícios do século seguinte.

O lado maior da planta encontra-se orientado segundo o eixo nordeste/sudoeste. O alçado noroeste apresenta regras de composição que se ordenam em torno de um eixo de simetria central. Alternam, nos dois pisos, vãos rectangulares, verticais, com portões rematados por arcos abatidos, encimados no primeiro piso por óculos ou janelas rematadas superior e inferiormente por arcos abatidos.

Trata-se de uma composição mais cuidada e elegante, da que se encontra no resto do conjunto. Este edifício, bem como outro de que já falámos, foram atingidos por um grande incêndio, que deixou sequelas, tendo as divisórias entre dependências desaparecido; restam apenas algumas paredes e um espaço, no topo do edifício. Podem ver-se aqui duas grandes manjedouras, que fazem supor tratar-se das cavalariças. A cobertura é feita por telhado de quatro águas, cujo estado de conservação é razoável, contrariamente ao restante, que é deplorável.

Adjacente a este edifício encontra-se um fontanário **F**, de grande dimensão, que devia fazer parte do sistema hidráulico da quinta. Próximo deste fontanário situa-se um edifício E de um piso, que serve de arrecadação. Por este edifício, coberto por um telhado de duas águas tem-se acesso a um pátio de construção relativamente recente e sem grande interesse.

---

[15] Idem, *ob. cit.* p. 309

Conclusão

As visitas realizadas à Quinta do Vimeiro não permitiram, de início, estabelecer contactos com os proprietários, que não vivem no local para se obter autorização para uma observação mais circunstanciada.

Tivemos de nos limitar ao estudo dos elementos documentais disponíveis e a uma análise do exterior dos edifícios e daquilo que pode entrever-se pelas portas a que pudemos aceder.

Permite, no entanto, conhecida a localização da granja e a implantação geral dos edifícios, obter-se uma noção genérica sobre o seu estado actual. Estes reclamam uma necessidade urgente de salvaguarda, atendendo ao seu valor no quadro de uma arquitectura agrícola.

Tencionamos continuar a aprofundar o estudo desta granja. das granjas monásticas do antigo domínio do Mosteiro de Alcobaça é a que ainda conserva um conjunto apreciável de edifícios que não foi ainda "absorvido" por uma povoação envolvente, como aconteceu com outras granjas.

Professora Auxiliar do Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico

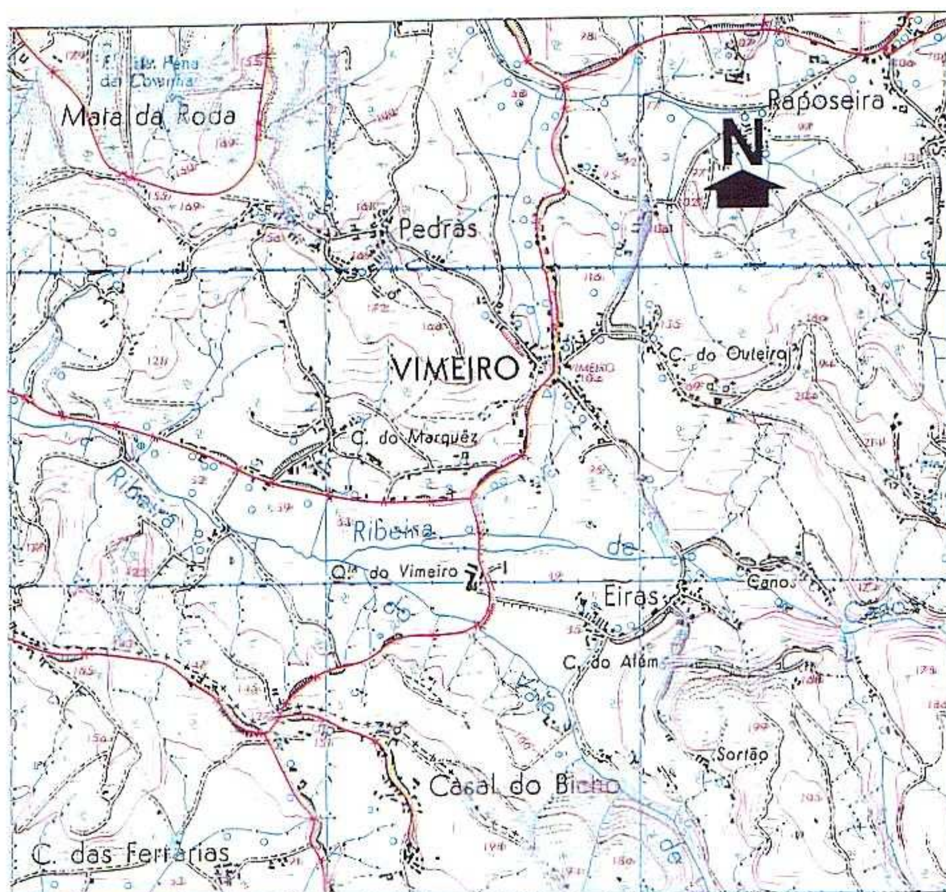


Fig.1 - Planta de localização do Vimeiro, na escala de 1/25000.



Fig. 2 - Quinta do Vimeiro, vista global do conjunto.

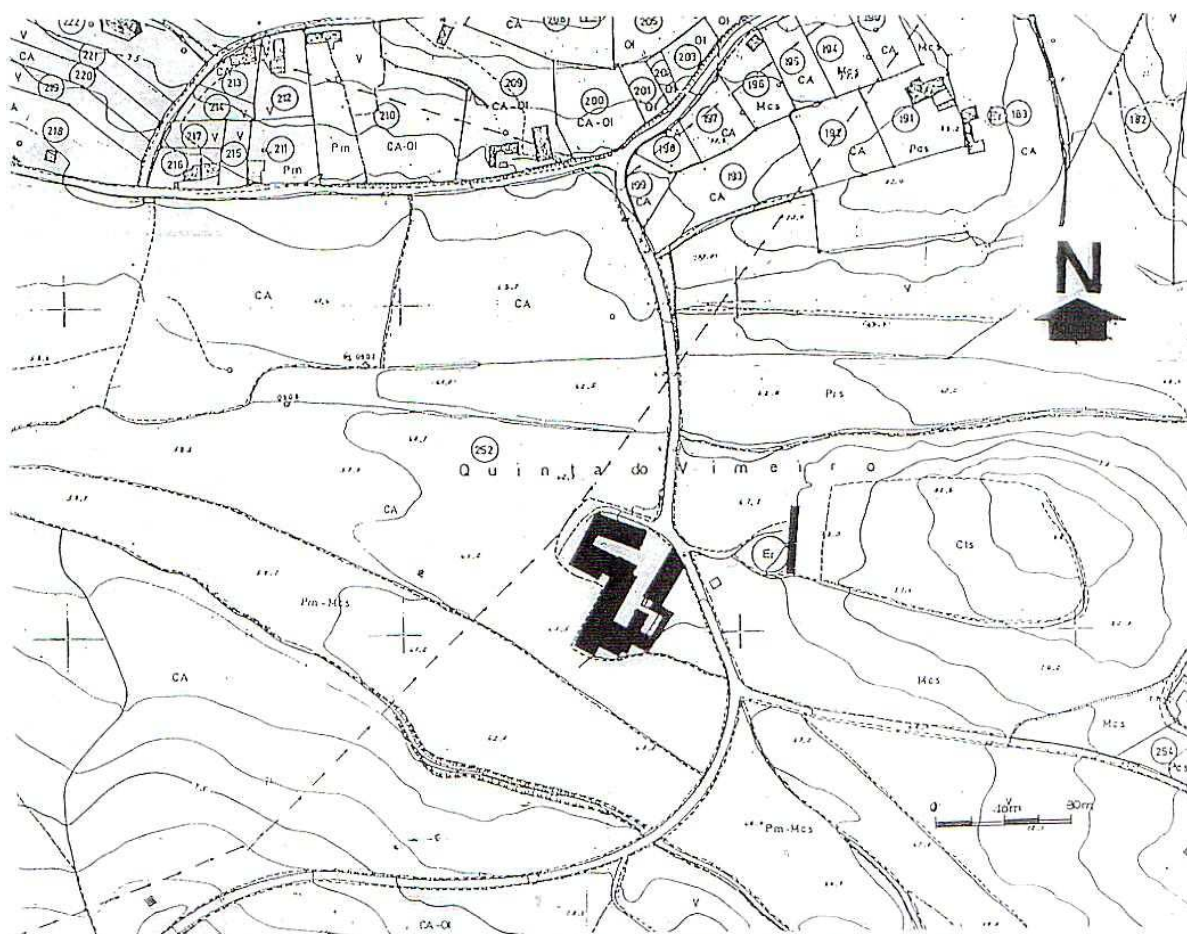


Fig. 3 - Quinta do Vimeiro, conjunto da quinta, na escala de 1/4000.

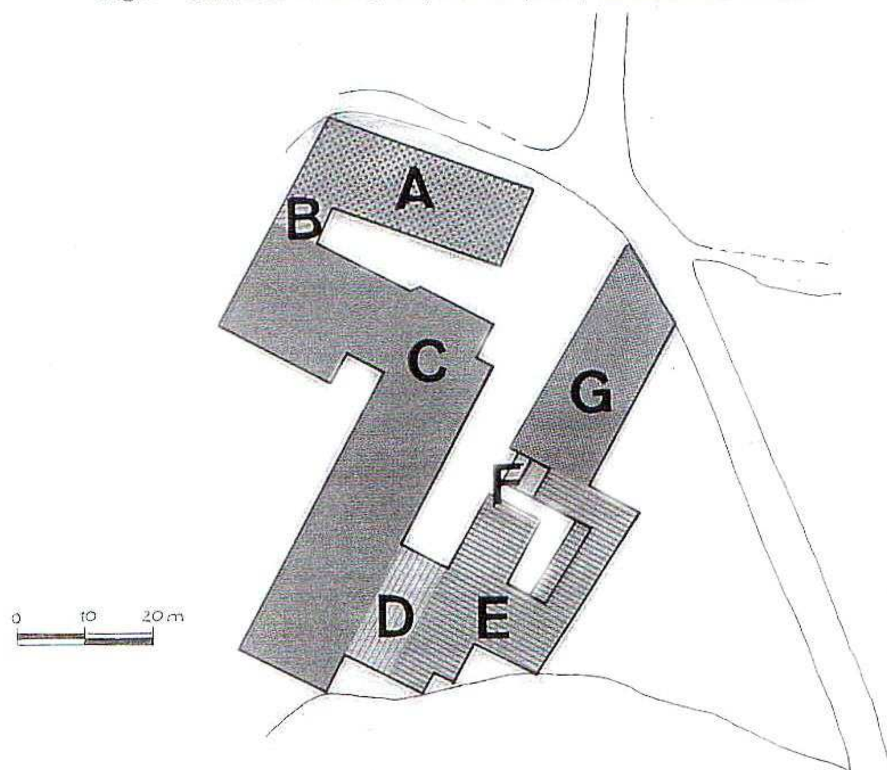


Fig. 4 - Quinta do Vimeiro, Esquema do conjunto de edifícios que constituem a quinta.



Fig. 5 - Quinta do Vimeiro, vista do interior do conjunto dos edifícios.



Fig. 6 - Quinta do Vimeiro, aspecto do edifício G, que se situa à esquerda de quem entra no recinto.



Fig. 7 - Quinta do Vimeiro, vista do edifício B.



Fig. 8 - Quinta do Vimeiro, vista do edifício A, alçado orientado a Sudeste.



Fig. 9 - Quinta do Vimeiro, vista dos alçados dos edifícios G e E.

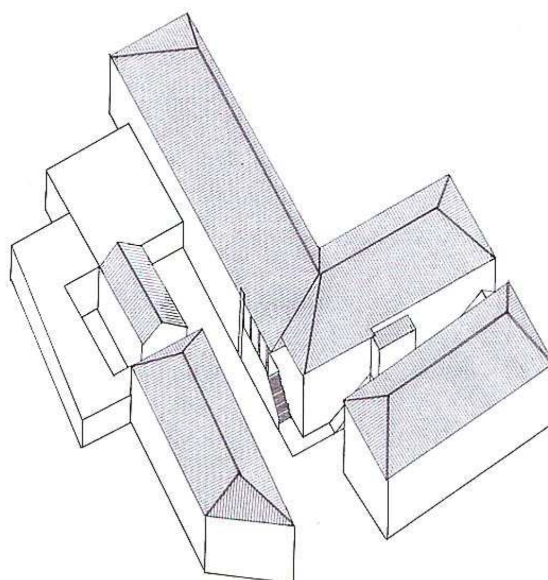


Fig. 10 - Quinta do Vimeiro, representação axonométrica do conjunto dos edifícios.



Fig. 11 - Quinta do Vimeiro, vista do pilar de apoio do telhado do alpendre, com a inscrição da data de 1852.



Fig. 12 - Quinta do Vimeiro, vista da inscrição da data, que se encontra na verga de uma porta, 1636.

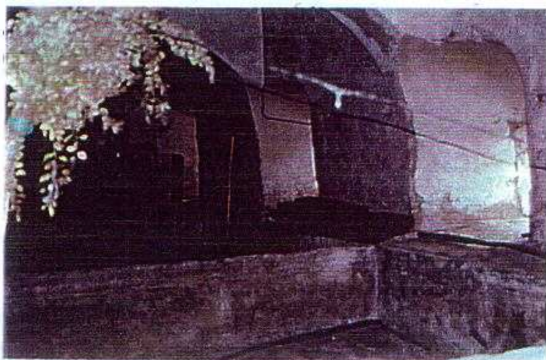


Fig. 13 - Quinta do Vimeiro, vista do interior do lagar de vinho.



Fig. 14 - Quinta do Vimeiro, a cuba para onde se vertia o vinho.

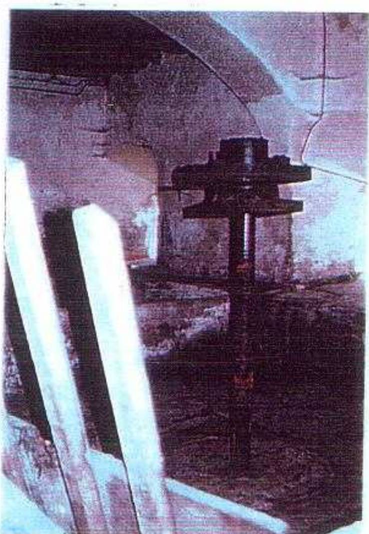


Fig. 15 - Quinta do Vimeiro, vista do tanque onde era pisado o vinho.

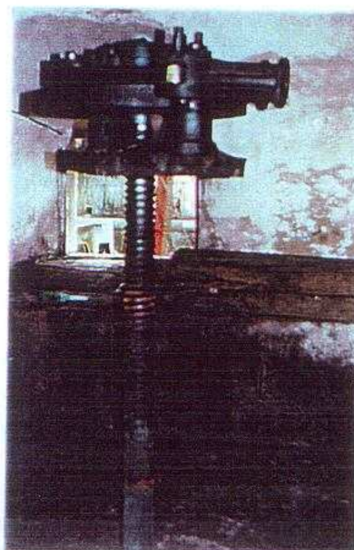


Fig. 16 - Quinta do Vimeiro, aspecto da prensa.

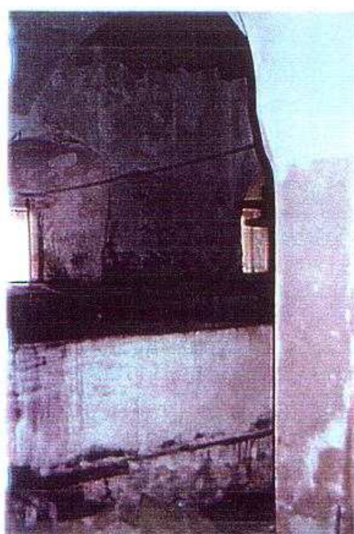


Fig. 17 - Quinta do Vimeiro, vista de um pilar e tecto do lagar.

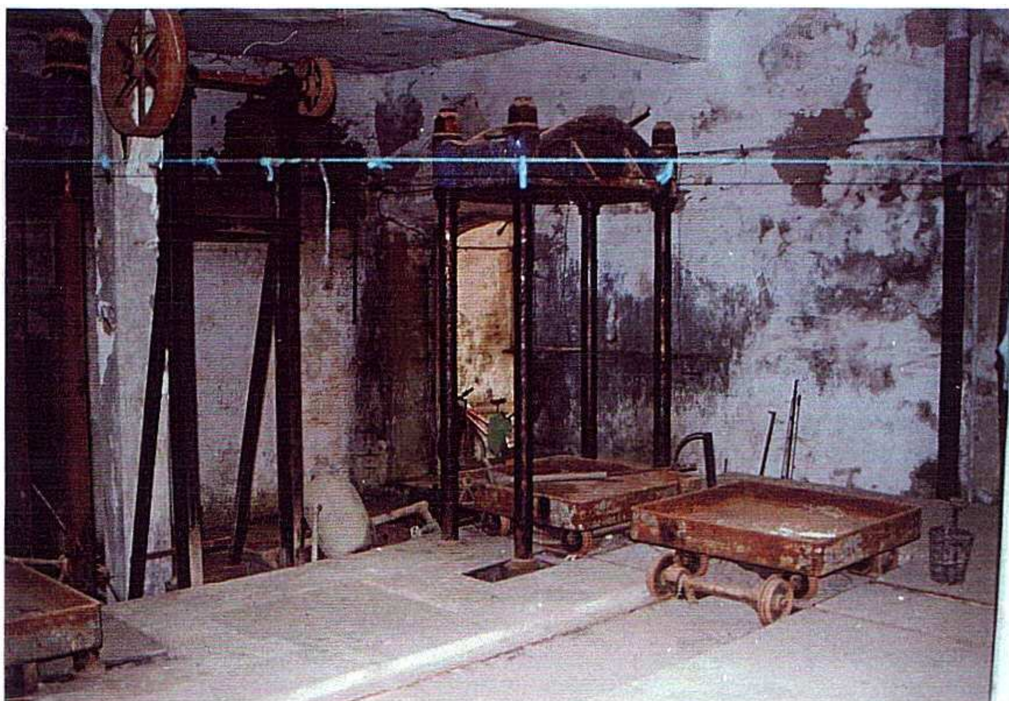


Fig. 18 - Quinta do Vimeiro, vista do lagar de azeite.



Fig. 19 - Quinta do Vimeiro, vista de elementos do lagar.



Fig. 20 - Quinta do Vimeiro, um aspecto do lagar de azeite.



Fig. 21 - Quinta do Vimeiro, armazém dos depósitos de azeite.



Fig. 22 - Quinta do Vimeiro, vista do fontanário (F)



Fig. 23 - Quinta do Vimeiro, vista do alçado tardoz do edifício principal C, orientado a Sudoeste.



Fig. 24 - Quinta do Vimeiro, vista do alçado lateral, do edifício C, orientado a Noroeste .



Fig. 25 - Quinta do Vimeiro, vista do alçado orientado a Noroeste, do edifício A .